

O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.

Diones Augusto Ribeiro (Doutor em História – Ufes)

Resumo

O presente artigo partiu a partir de nossa vivência na “Especialização Lato Sensu em Práticas Pedagógicas para Professores”, cursado no ano de 2020, no Ifes campus Cariacica. Assim, nosso propósito é fomentar uma intervenção pedagógica com o uso do cinema em sala de aula, exibindo e mediando, numa perspectiva dialogada, trechos do filme Amistad, para compreender a dinâmica da escravidão e cultura canavieira, no contexto do Mercantilismo e do Brasil Colônia, para os alunos do Segundo Ano do Técnico Integrado em Agricultura, do Ifes Centro-Serrano. Faremos uma proposição de mediação pedagógica, onde o professor iremos propor uma série de atividades para que os discentes relacionem o que foi estudado e mediado com aspectos de sua realidade. Além disso, esperamos problematizar os benefícios e malefícios do uso de películas no ambiente escolar, bem como a necessidade do uso da metodologia proposta por Paulo Freire para a gênese de uma didática libertadora, capaz de fazer o aluno entender criticamente seu mundo e realidade. Ademais, o uso do cinema traz uma série de implicações, que reverberam diretamente na prática docente: a faixa etária, a adequação do filme à ementa, os aspectos significativos da película que podem ser relacionados diretamente à realidade do aluno, a criação de uma proposta de intervenção pedagógica que faça o discente interagir criticamente com sua realidade, o papel do professor enquanto pessoa que media o conhecimento etc.

Palavras-chave: Cinema. Paulo Freire. Educação. Amistad. História.

INTRODUÇÃO

A nossa proposta de intervenção pedagógica se baseia na perspectiva de fomentarmos uma prática de ensino libertadora, onde o discente irá problematizar sua realidade através da crítica. É uma sugestão também de investigação, onde alunos e professor irão problematizar o passado para compreender o presente, especialmente na questão do negro, hoje e no passado (DAMIANI, 2013). Além disso, utilizaremos o procedimento metodológico libertador criado por Paulo Freire, cujo pressuposto é que o conhecimento só é construído por meio do debate e da mediação, onde aspectos da realidade e do passado são decodificados para a compreensão do mundo. Assim, a prática educadora não é norteadada pelo depósito do conhecimento (educação bancária), mas na interpretação crítica da realidade e do mundo que circula o estudante (FREIRE, 2005).

Feitas tais considerações, entendemos que o cinema é uma ferramenta extremamente importante para a construção do ensino. Dentro do ambiente escolar, é fundamental que surjam meios para tornar o ensino balizado em metodologias não tradicionais. Os filmes tornaram-se instrumentos muito úteis para a fomentação de um novo viés educacional, trazendo a ficção para a sala de aula e criando meios de se conhecer a realidade e de interpretá-la.

Todavia, em muitas escolas, o filme tornou-se um meio para cobrir uma aula vaga. Dentro de nossa experiência como docente, muitas vezes pedagogos ou coordenadores pediram para passar um filme por passar, sem uma proposta pedagógica efetiva. No caso do ensino noturno público, principalmente na modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos) a situação é muito mais preocupante. Muitos alunos, principalmente os de idade mais avançada, não conseguem entender que o cinema é uma ferramenta potente para a análise da realidade e para absorção de conteúdos e conceitos não presentes nos manuais didáticos. Quando o docente, muitas vezes, usa a proposta do uso do filme em sala de aula, muitos alunos preferem ir para casa assistir novela ou cuidar de outras coisas. Para eles, o copiar é o único meio para se aprender alguma coisa

de útil. Acreditam que o professor está enrolando, não tendo assim nenhuma função cognitiva o cine em sala de aula. Tal visão também se perpetua no Ensino Médio regular. Com a proposta “O uso do cinema em sala de aula” almejamos provar, ao contrário do que foi exposto, que o uso da Sétima Arte é uma ferramenta muito útil para maximizar o ensino discente, especialmente com o público adolescente (FERRO, 2008; NAPOLITANO 2010).

Tal perspectiva é inclusiva, pois permitirá que os diferentes saberes-fazer dos alunos sejam utilizados na prática educativa. É uma proposta também libertadora, pois o professor é mediador no processo de ensino-aprendizagem. A partir de “temas geradores”, iremos problematizar através uma metodologia dialogada a escravidão no Brasil, bem como as condições de traslado do escravo negro da África para o Brasil. Além disso, é fundamental analisar a questão da cultura canavieira, dentro da lógica mercantilista. Os saberes dos estudantes, dentro de uma lógica dialogada e mediada pelo docente, que não é o detentor supremo do conhecimento, serão utilizados para entender os malefícios da escravidão, bem como a questão da violência contra o negro, preconceito e criminalidade, marcas tristes de nossa história recente. Embasados pelo método proposto por Paulo Freire, esperamos estabelecer críticas às perspectivas, práticas e saberes tradicionais de ensino, bem como os conteúdos tradicionais, que enxergam nossa história como mero apêndice da história e cultura europeia, estabelecendo a crítica e conscientização política através do debate e do diálogo, por meio de temas e palavras geradoras, como destacado. É um processo político, de conscientização, fazendo o aluno compreender seu mundo e problematizar a perspectiva tradicional e burguesa dos conteúdos (FREIRE, 2005). Por fim, há uma proposta de fixação e problematização do conhecimento, relacionado o que foi estudado com aspectos do mundo contemporâneo. Ademais, também com a desconstrução dos filmes, esperamos que os discentes percebam que muitos acontecimentos apresentados no cinema mascaram a realidade, apresentando assim falsas interpretações do cotidiano (FERRO, 1974).

JUSTIFICATIVA

Atuamos na rede pública de ensino desde o ano de 2003. Pela nossa práxis, passamos a contestar a perspectiva tradicional de ensino, onde o docente é o dono absoluto do conhecimento. Já o estudante é mero receptor. Ou seja, é uma perspectiva bancária, onde o conhecimento é “depositado” e nunca problematizado (FREIRE, 2005). Na rede privada, ampliei ainda mais meus conhecimentos e aprimorei minha metodologia. Me apropriando dos conhecimentos da perspectiva histórico-crítica do ensino, percebemos que o conhecimento não é “depositado”, mas sim construído culturalmente e coletivamente. Docente e discente estão inseridos num contexto em que é necessário identificar os fenômenos sociais, políticos e econômicos através da práxis social, elementos integrantes de ambos agentes (GOUVÊA; GERKEN, 2008). Por fim, na rede federal, aprendemos ainda mais que o espaço escolar é plural, havendo nele diferentes visões de mundo e perspectivas políticas. Junto a tudo isso, percebemos que o cinema é um meio muito eficiente para se complementar os conteúdos trabalhados em sala de aula. Já que o filme é uma contra análise da sociedade, cabe ao professor utilizá-lo dentro de normas éticas (FERRO, 2005). O planejamento é fundamental, e o educador deve fazer os apontamentos necessários para uma melhor compreensão por parte dos discentes (SACRISTÁN; GÓMEZ, 2000). Ademais, é preciso utilizar o filme dentro de uma proposta didática séria e muito bem fundamentada, com o propósito de se construir um novo meio de análise da sociedade, do presente e do passado, tornando o trabalho docente atrativo para os alunos, tendo em vista uma metodologia de trabalho séria e diversificada (NAPOLITANO, 2013). Nossa proposta é trabalhar com os alunos do Segundo Ano do Técnico Integrado em Agricultura do Ifes Centro-Serrano, relacionando trechos do filme Amistad com o conteúdo do livro didático de História, relativos ao Brasil Colônia, Escravidão e Mercantilismo, além de compreender a questão da violência contra o negro, preconceito e criminalidade nos nossos dias.

A justificativa se valida porque o professor, sendo um formador de opinião, precisa analisar as disparidades históricas com olhos críticos para promover no

cidadão um espírito crítico transformador, que o faça problematizar esta situação tão ingloriosa que vivemos. É uma perspectiva libertadora, que permitirá ao discente analisar criticamente sua realidade. Assim sendo, acreditamos que a prática de ensino, a partir do cinema, é imprescindível para que o estudante entenda e analise criticamente seu mundo e o transforme a partir da política.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Compreender a importância do uso do cinema na sala de aula a partir de um estudo de caso.

Objetivos específicos:

- Analisar a História a partir de fragmentos de filmes.
- Entender como o cinema pode ser utilizado como ferramenta de ensino.
- Utilizar trechos do filme Amistad para desenvolver a proposta de ensino, ligada à escravidão no Brasil e ao tráfico marítimo de escravos.
- Apropriar do método de Paulo Freire para criar uma proposta de ensino libertadora.

REFERENCIAL TEÓRICO

Aspectos teóricos da intervenção pedagógica

O filme é um extraordinário elemento de aprendizagem e mecanismo de complemento curricular. Previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as mídias educativas, incluindo aí o cinema, deve ser utilizado dentro de uma perspectiva ampla, capaz de tornar o ensino agradável e atrativo para o aluno. O docente precisa ter em mãos um “plano de ação” capaz de relacionar o filme ou partes dele com o conteúdo trabalhado em sala de aula, de preferência também com a realidade de vida do aluno ou de sua sociedade. Daí a importância do planejamento. De acordo com Napolitano,

Ao escolher um ou outro filme para incluir nas suas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio da reflexão prévia sobre seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem (NAPOLITANO, 2010, p.16).

Tais argumentações de Napolitano são relevantes. Para corroborá-las, podemos citar um exemplo pessoal. Trabalhamos na rede privada de ensino de Vitória, entre os anos de 2007 e 2017. Em 2007, desenvolvemos um trabalho junto aos alunos do sétimo ano (antiga sexta série), sobre Grécia Antiga. Trabalhávamos sobre Esparta e seu sistema de ensino. Naquele ano houve o lançamento do filme 300 de Esparta, inspirado nos quadrinhos de Frank Miller acerca das Guerras Médicas, conflito de ordem econômica entre as polis grega e a Pérsia. Resolvemos passar este longa para os alunos, obviamente tendo a preocupação em elaborar uma atividade avaliativa, almejando relacionar os trechos do filme ao livro didático. Notamos que os alunos, no geral, adoraram a atividade, além de terem se divertido com o filme. Porém, alguns pais, com razão, vieram nos procurar. O grande questionamento foi a questão de não problematizarmos a exibição de cenas de violência e sexo presentes no filme. A classificação do mesmo é de 16 anos, e o exibimos para alunos com no máximo 12 ou 13 anos. Até ameaça de processo sofremos, sendo necessária a intervenção da coordenação da escola para apaziguar os ânimos mais exaltados. Esquecemos que não estávamos passando o filme para nós mesmos, e sim para alunos que estavam num processo de construção cognitiva. Novamente citando Napolitano:

O professor deve se lembrar, sempre, que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional. Portanto, é preciso refletir sobre o público-alvo da atividade planejada, conhecendo seus limites e suas possibilidades gerais (faixa-etária, etapa da aprendizagem), mas

também mapeando, ainda que intuitivamente, o repertório cultural mais amplo e a cultura visual/cinematográfica dos alunos.

[...]

Além dessa preocupação, ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles. Não se trata de parecer simpático e conciliatório perante o grupo, e sim não bloquear a assimilação de um filme em consequência da precipitação em exibi-lo para uma classe que não esteja devidamente preparada para aquele tipo de história e conteúdo, seja por limites culturais, morais ou religiosos (NAPOLITANO, 2010, p.19-20).

Ademais, de acordo com Bittencourt, é preciso que o docente faça uma análise crítica do uso do cinema na sala de aula, pois

[...] cabe indagar que trabalho os professores têm efetivamente realizado com a linguagem cinematográfica: usam-na como ilustração de um tema de aula? Trabalham com os alunos como se os filmes fossem “ressureições históricas”, ou são apenas considerados e, portanto, analisados como veículos da ideologia dominante? (BITTENCOURT, 2009, p372).

Podemos inferir, a partir das palavras do autor, que o uso cinema em sala de aula deverá problematizar também a questão da sétima arte como veículo propagador da ideologia dominante. Na perspectiva de Ferro, o cinema, portanto, deve ser utilizado como instrumento de contra análise da sociedade ou de eventos históricos. Para ele, o cinema é um meio para enxergarmos o mundo que nos rodeia e suas estruturas, além de visualizarmos as diversas relações históricas socialmente construídas, muitas vezes reproduzidas com o passar dos anos. Analisando a narrativa e os diferentes componentes de um filme, é possível entender nossa realidade. Figurinos e roteiros também são imprescindíveis para tal construção. Sempre há uma motivação ideológica no constructo cinematográfico. Ferro diz que é preciso uma análise interdisciplinar crítica e séria, já que ele sempre excede seu conteúdo:

[...] empreender a análise de filmes, de fragmentos de filme, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagens das diferentes ciências humanas não poderia bastar. É necessário

aplicar esses métodos a cada substância de um filme (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é o filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa (FERRO, 1974, p.203).

As motivações ideológicas de um filme, bem como os elementos responsáveis pela construção de sua narrativa, devem ser consideradas quando utilizamos um filme para complementar um conteúdo utilizado em sala de aula. Porém, é preciso cuidado. Para Morettin, a questão dos grupos marginalizados pode criar problemas no que se refere à afirmação do filme ser uma representação fiel da sociedade:

A contra-história, via cinema, se apresenta em sua forma mais cristalina quando grupos marginalizados pela sociedade assumem o controle da produção de imagens. Nesse momento, teríamos um ponto de junção entre a natureza histórica do cinema enquanto possibilidade de “revelar” o inverso da sociedade e a origem social desses grupos, uma vez que estes representam esse inverso. Por serem excluídos, não participam nem da representação da sociedade – elaborada por uma de suas partes que, entretanto, apresenta-a como pertencente ao todo – e nem do poder instituído. No momento que estabelece esta relação, Ferro precisa um pouco melhor a maneira pela qual o cinema contribui para um contra-análise da sociedade, mas, ao mesmo tempo, nos coloca um outro problema, se pensarmos de acordo com o seu referencial teórico: as imagens cinematográficas produzidas por esses grupos não forneceriam elementos para a sua própria contra-análise, pondo abaixo a representação que fazem de si da sociedade (MORETTIN, 2010, p.43).

Quando não damos voz aos grupos marginalizados da História, o ensino tende a reproduzir uma visão burguesa e tradicional de mundo. O papel do docente, como já destacado, é desconstruir as falsas verdades. O diálogo é a maneira mais eficaz de potencializar o processo de ensino e aprendizagem. Através da mediação crítica, ademais, é possível fazer os discentes compreenderem criticamente seu mundo e transformá-lo através da práxis política (FREIRE, 2005). Para Bittencourt, é preciso estabelecer um método para utilizar o cinema

em sala de aula. Para a autora, é preciso fazer uma leitura interna da película, ou seja, conteúdos, personagens, acontecimentos principais etc. A ação pedagógica deve levar em consideração também a possibilidade de os discentes compreenderem como a construção de imagens cinematográficas podem esconder elementos da realidade e falsas interpretações de mundo, já que o filme pode sofrer recortes que mascaram a realidade em nome do entretenimento (BITTENCOURT, 2009). Ou seja, para Napolitano, é através da crítica que os docentes irão desconstruir o filme, com o propósito de elucidar as falsas interpretações de mundo que a indústria do entretenimento podem fomentar (NAPOLITANO, 2013). Daí a importância de uma metodologia crítica e libertadora, capaz de fazer o discente entender criticamente seu mundo e transformá-lo através da ação política (FREIRE, 2005).

Prática pedagógica

A prática pedagógica proposta é através de um projeto de ensino, mediante o uso de cenas do filme *Amistad* para compreender a escravidão no Brasil Colônia. A proposta, ademais, espera complementar conteúdos relativos à temática da destacada e estabelecer uma contra análise da sociedade, a partir da sétima arte e entender a dinâmica da economia açucareira no Brasil Colônia, além, como destacado, o uso da mão de obra escrava. Para tanto, o plano de aula deve privilegiar três momentos: o primeiro expositivo e dialogado com os discentes, onde o docente mediará a construção do conhecimento a partir dos conteúdos (etapa de investigação). O segundo será com a exibição de cerca de dez minutos do filme, para que os alunos entendam a dinâmica da escravidão e do comércio de escravos (etapa de tematização). O terceiro momento será um debate coletivo, com o propósito de desconstruir as falsas interpretações sobre a história do Brasil Colônia e a dinâmica da escravidão (etapa de problematização). Ou seja, uma proposta de ensino libertadora e crítica (FREIRE, 2005). No final do processo, será dado aos alunos uma proposta de atividade, para que eles fixem os conteúdos trabalhados em sala de aula e estabeleçam as devidas relações com fatos da era contemporânea.

Conteúdos a serem trabalhados

- Brasil Colônia.
- Escravidão.
- Mercantilismo.
- Economia açucareira.

REVISÃO DE LITERATURA

Nossa proposta é analisar artigos escritos entre os anos de 2009 e 2017, oriundos de livros, organizados por diferentes autores, com variadas propostas metodológicas, que de alguma maneira contribuam para nossa proposta de intervenção pedagógica. Justificamos tais escolhas pelo fato de entendermos que as produções selecionadas são importantes para nossa proposta de intervenção, já que apresentam perspectivas, conceitos e problematizações que convergem com nosso problema, ou seja, o uso do cinema em sala de aula, bem como seus limites metodológicos e possibilidades de uma práxis libertadora, que faça o aluno compreender criticamente sua realidade e transformá-la através da práxis política.

O primeiro artigo é de Marcelo Murilo, intitulado “O uso do cinema e do vídeo na prática do ensino de História”. O autor entende o cinema como um novo mecanismo de saber, fundamental para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem dos discentes. É preciso desenvolver toda uma metodologia, visando estratégias diferenciadas, fundamentais para a construção do saber. É imperativo que o docente desconstrua as falsas visões de mundo que muitos filmes apresentam, já que “falar de cinema na escola requer, antes de tudo, nossa conscientização de que o espaço escolar e as salas de cinema são espaços diferentes” (MURILO, 2009, p.203). Para o autor, o filme propicia uma série de meios para o docente construir uma proposta pedagógica diferenciada, pois muitas películas apresentam continuidades e rupturas históricas, que ajudam o aluno entender criticamente sua realidade. Além disso, é imprescindível selecionar os trechos que serão exibidos, pois o filme não pode

ser exibido como entretenimento, mas sim, como citado, instrumento pedagógico. Ademais,

Os filmes, em linhas gerais, foram e são produzidos para o mercado comercial. Portanto, jamais encontraremos um filme com um rótulo dizendo que você pode utilizá-lo em uma aula qualquer e que foi feito para isso. É necessário que nós realizemos uma seleção dos filmes que, de fato, poderemos utilizar no ensino de História.

Na seleção do filme, é importante utilizarmos como critério a coerência entre o conteúdo referencial do filme o conteúdo com o qual estamos trabalhando em sala de aula. É o que chamamos de aderência. O filme deve ter aderência com a conteúdo programático da disciplina (MURILO, 2009, p.218).

Já que o filme deve ter aderência com o conteúdo programático da disciplina, utilizamos o artigo de Marcos Napolitano, chamado “A escrita fílmica da História e a monumentalização do passado: uma análise comparada entre *Amistad* e *Danton*”, para justificar a escolha de trechos do filme *Amistad* para explicar a relação entre a escravidão e a produção açucareira no Brasil Colônia, dentro da lógica Mercantilista. Compactuamos com o autor quando ele diz que um filme histórico é uma representação carregada de motivações ideológicas de seu diretor, além de premissas que norteiam visões anacrônicas e distorcidas da realidade histórica. O docente precisa analisar com muito cuidado o que será exibido para os alunos, já que “[...] existe um outro aspecto dos filmes históricos cujo potencial de análise reside, justamente, no exame das manipulações, anacronismos e representações nem sempre muito fiéis que ele faz do passado” (NAPOLITANO, 2011, p.68). O mesmo acontece com o filme *Amistad*, já que muitos papéis do filme não fictícios, como, por exemplo, o personagem de Morgan Freeman, o abolicionista negro Theodore Joadson. Ademais,

A questão central, é apontar para o sentido de monumentalização que algumas cenas adquirem, fazendo com o filme *Amistad*, a título de dar voz aos oprimidos pela escravidão, consiga, ao mesmo tempo, edificar mais um canto no monumento da democracia norte-americana que, como nenhuma outra, parece conseguir ocultar suas contradições e expulsá-las da maior parte dos filmes de sucesso (NAPOLITANO, 2011, p.71).

Essa é a questão central de nossa proposta de intervenção pedagógica. Com a exibição de trechos do filme e com a atividade de fixação, com as devidas relações com o conteúdo e com fatos contemporâneos, esperamos que os alunos entendam que nosso mundo é repleto de contradições, onde o negro é marginalizado e excluído. Daí a importância do planejamento do docente e da escolha de aspectos do filme que podem ser relacionados ao conteúdo e à realidade do discente.

O terceiro artigo utilizado foi “O exercício da História pelo cinema: percursos analíticos e propostas de trabalho”, de Eduardo Morettin. O cinema é uma fonte histórica com amplo potencial transformador de realidade e de entendimento dela, além de meio para compreender e analisar inúmeros fenômenos sociais, do presente e do passado. Existe uma realidade que nos é transmitida pelos filmes. A relação entre pesquisa histórica e análise fílmica é um importante método para a construção do saber histórico (MORETTIN, 2017). Ademais, outras fontes são muito importantes para a construção do conhecimento, como obras de arte, fotografias, artes cênicas etc.

Por fim, o último artigo utilizado foi “Luz, Câmera, História: o ensinar e aprender História pela Sétima Arte”, de Sandro Nandolpho. Nele, o autor argumenta que o uso do cinema em sala de aula deve levar em consideração a articulação entre o saber, a metodologia e a crítica histórica, tendo em vista os discursos, ideologias e realidades sociais que estão implícitas ou explícitas na prática educativa e nos filmes. A forma que o cinema é trabalhado em sala de aula pelo docente é que fomentará a práxis libertadora, crítica e emancipadora, pois o cinema é uma reprodução nem sempre fiel do passado, impossível se ser retratado em sua totalidade, daí a necessidade da crítica. Além disso, é preciso problematizar o filme e utilizá-lo como documento histórico que possui anacronismos, complementando assim aquilo que está inserido no currículo oficial e nos livros didáticos, mediante a intervenção crítica do docente, pois

Partir de uma concepção de que o filme se constitui como um documento, uma fonte eivada de discursos e atravessamentos dos mais variados,

relacionados com o jogo de forças da sociedade que o produziu ou que o recebeu, e nortear a construção e a socialização do saber histórico em sala de aula possibilitam aberturas de novos e estratégicos caminhos no ensino-aprendizagem da História (NANDOLPHO, 2009, p.230).

A mediação docente é fundamental na exploração das cenas e na construção do conhecimento, pois sua ação é fundamental para despertar a atenção e o olhar crítico do discente, pois

O cinema proporciona o estabelecimento da dimensão sensível da História, pois o material de trabalho do cinema é a emoção, é a sensação. Ao explorar essa dimensão no ensino-aprendizagem da História com nossos alunos, podemos não só leva-los a um mergulho na dimensão humana da história de forma crítica como também instiga-los a uma reflexão crítica sobre suas próprias percepções com relação aos temas que estão ali postos num filme sobre a Roma antiga, sobre a escravidão ou o neocolonialismo (NANDOLPHO, 2009, p.248).

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O trabalho em sala, com cenas do filme *Amistad*, visa complementar conteúdos relativos à temática da escravidão, previstos no livro didático e no PCN da disciplina de História, e estabelecer uma contra análise da sociedade a partir da arte. A proposta é direcionada para os alunos do Segundo Ano do Curso Técnico em Agricultura do Ifes Centro Serrano. Para tanto, o plano de aula deve privilegiar três momentos: dois expositivos, com recursos áudio-visuais, que culminará com a exibição de cerca de dez minutos do filme citado, e um momento coletivo de debate, para relacionar o conteúdo aprendido com aspectos do cotidiano (a questão do negro, preconceito, criminalidade etc). Além disso, a proposta se balizará no método proposto por Paulo Freire, como já destacado.

Primeiramente, na fase de Investigação (FREIRE, 2005), o passo inicial será uma aula expositiva sobre o funcionamento da indústria açucareira dentro do Brasil Colônia, a partir da lógica Mercantilista. Feito isso, discutiremos a

necessidade da mão de obra escrava para o funcionamento deste sistema e a questão das funções por eles desenvolvidas. Assim, esperamos dar aos alunos elementos para a compreensão desta temática dentro dos parâmetros do capitalismo comercial e da economia açucareira, extremamente lucrativa na Europa. Este trabalho pode ser feito com o data-show ou com a lousa.

No segundo momento expositivo, na fase de Tematização (FREIRE, 2005), o conteúdo relativo à escravidão no Brasil Colônia começa com uma análise de imagem. A obra em questão é de Rugendas¹ intitulada “Navio Negreiro”. Com ela, nosso objetivo será elucidar com os alunos as condições de vida dos cativos africanos, no traslado da África para a América. Neste caso, o uso do data-show é imprescindível, já que o trabalho é enriquecido com imagens relativas à temática.

Com a imagem “O Navio Negreiro” (imagem 1), buscamos discutir os maus tratos sofridos pelos negros durante as longas viagens, além dos castigos, homicídios e tantas outras barbaridades que aconteciam no interior das embarcações. Além disto, esperamos que os alunos façam uma reflexão a priori sobre temas ligados à escravidão, principalmente no que tange à violência e às formas de resistência que os negros criaram dentro daquele contexto.

Imagem 1. Navio Negreiro. Rugendas. 1830.

¹ Johann Moritz Rugendas nasceu em 1802 e faleceu em 1858. Foi um pintor alemão que viajou por todo o Brasil entre 1822 e 1825, pintando os povos e costumes que encontrou. Rugendas era o nome que usava para assinar suas obras. Coursou a Academia de Belas-Artes de Munique, especializando-se na arte do desenho. Com apoio do naturalista Alexander von Humboldt, fez publicar suas memórias de viagem e transformou desenhos e aquarelas nas litografias do luxuoso álbum “*Viagem pitoresca ao interior do Brasil*”. Ademais, sua temática era predominantemente paisagística e de representação de cenas do cotidiano. Deixou desenhos a grafite e bico-de-pena de tipos americanos, brasileiros ou latino-americanos, estudos de plantas, índios, negros, retratos, vistas urbanas, paisagens.



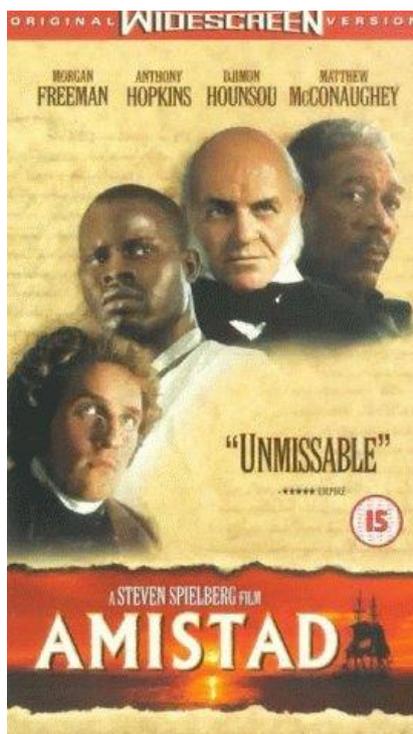
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Navio_negreiro_-_Rugendas_1830.jpg Acesso em: 28 nov. 2020.

Amistad é um filme de 1997 dirigido por Steven Spielberg, cujo roteirista é David Franzoni, que conta a história de uma revolta de escravos, ocorrida em 1839, a bordo do navio La Amistad. Capturados, eles são julgados pelo assassinato da tripulação. O caso toma vulto e o presidente americano Martin Van Buren, que tentava a reeleição, apoia a condenação dos escravos, o que agradaria aos estados do sul e a rainha espanhola Isabel II. Todavia, os abolicionistas, após intensos debates, vencem, mas o governo apela e a causa chega a Suprema Corte Americana. Este quadro faz o ex-presidente Quincy Adams, um abolicionista não-assumido, sair da sua aposentadoria voluntária, para defender os africanos. Os africanos são considerados inocentes, recebendo o direito de retornar à África. O longa tem no elenco nomes de peso como Morgan Freeman (Theodore Joadson), Anthony Hopkins (John Quincy Adams), Nigel Hawthorne (Martin Van Buren), Djimon Hounsou (Cinque) e Anna Paquin (Isabel II) (ADORO CINEMA, 2020). Ademais, Amistad relata a gênese das primeiras medidas abolicionistas nos Estados Unidos e é sensível à questão do preconceito racial.

A cena a ser trabalhada em sala de aula trata-se de uma sequência de cerca de dez minutos. Ela apresenta cenas com prolongamento médio. A técnica da filmagem permite observar a expressão facial dos atores. Alterna cenário diurno e noturno, o que realça as feições faciais e a atuação dos atores. A sonoplastia destaca o drama, já que a quase ausência de diálogos reforça a tragédia dos

assassinatos e dos maus-tratos sofridos pelos escravos. Em outros planos sequenciais, intercalam-se cenas com vários atores e atuações individuais, fundamentais para o enredo.

Imagem 2. Cartaz do filme Amistad



Fonte: <https://filmow.com/amistad-t4402/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

A aula deve ser pensada no sentido de utilizar a ficção com o propósito de se trabalhar a escravidão no Brasil colônia e mostrar como se dava a chegada dos escravos africanos no Novo Mundo. É de fundamental importância a intervenção do professor ao longo das sequências para se estabelecer as relações necessárias entre o longa e a matéria trabalhada, e nosso primeiro passo é mostrar a questão de como se dava o comércio de escravos, dentro do continente africano.

O personagem Cinque (Djimon Hounsou) (imagens 3 e 4) é raptado de sua comunidade por uma tribo hostil e levado para o litoral de um porto africano. Lá, ele e outros cativos são trocados por mercadorias com os espanhóis. Neste momento, destacaremos a questão do escambo e a dinâmica da escravidão

dentro da África, destacando que muitos povos de lá mantinham relações comerciais diversas junto aos europeus e praticavam a escravidão.

Imagem 3. Captura de Cinque.



Imagem 4. Cinque.



Fonte: <http://www.ferdyonfilms.com/2010/amistad-1997/7597/>. Acesso em: 20 mar. 2020

O próximo momento da aula iremos discutir a questão do traslado marítimo dos escravos e as condições de vida e de salubridade dentro dos chamados “tumbeiros”, como eram conhecidos os navios negreiros (imagem 5).

Imagem 5. Negros sofrendo castigos corporais.



Fonte: <http://www.ferdyonfilms.com/2010/amistad-1997/7597/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

As cenas são chocantes e é preciso uma ação diferenciada do professor para lidar com aqueles alunos mais sensíveis, que sempre se comovem em momentos com forte apelo emocional. A sequência do navio mostra os maus-tratos que os negros sofriam, além de estupros, a questão da péssima alimentação e o destino daqueles cativos que se adoentavam durante as

péssimas viagens, já que eles eram “jogados ao mar”, ou seja, mortos da pior maneira possível (imagem 6).

Imagem 6. Negros jogados no mar de um navio.



Fonte: <http://www.ferdyonfilms.com/2010/amistad-1997/7597/>. Acesso em: 20 mar. 2020

O último plano sequencial demonstra a questão do comércio de escravos no continente americano. A cena se passa em uma praça cubana (imagem 7).

Imagem 7. Leilão de escravos.



Fonte: <http://www.movpins.com/dHQwMTE4NjA3/amistad-%281997%29/still-211321856> .

Acesso em: 20 mar. 2020

A cena permite aos alunos observarem como que acontecia tal comércio. Claramente dá para eles perceberem que os negros eram aproveitados em determinadas funções de acordo com suas características físicas, indo prestar trabalhos em minas, plantações, ofícios diversos, em serviços domésticos etc. Cabe ao professor fazer os apontamentos necessários para facilitar a análise do filme e a compreensão dos alunos a partir dos conteúdos trabalhados.

Outras questões podem ser discutidas pelo professor ao relacionar o filme com diferentes conteúdos da área de História, além de um questionário a ser respondido pelos alunos no término da aula. Napolitano cita algumas:

- O filme coloca em lados opostos democratas liberais e escravagistas conservadores. O ex-presidente John Quincy Adams (Anthony Hopkins) e o jovem advogado Roger Baldwin (Mathew McConaughey) defendem os africanos. Martin Van Buren (Nigel Hawthorne), então presidente dos EUA, quer agradar sulistas escravocatas e evitar conflitos com a Espanha, por isso tende a condenar os escravos e entregá-los à Rainha Isabel II. **Todos realmente existiram.** Os alunos devem pesquisar sobre eles e tentar

descobrir se aquilo que é mostrado no filme corresponde à história real e o papel desses personagens na história.

- Analise, junto com a classe, a figura do militante negro Theodore Joadson (interpretado por Morgan Freeman) e seu papel no filme. **É o único personagem que não existiu realmente.**
[...].
- Os alunos devem analisar o discurso final do advogado de defesa dos negros (o ex-presidente John Quincy Adams). **Também devem relacioná-lo com um evento central na história americana do século XX (Guerra de Secessão).**
- A Marinha Real Inglesa é mostrada no filme como uma espécie de “força de libertação dos escravos”. Discuta com os alunos essa representação ideológica e proponha uma comparação com a atual posição militar dos EUA no mundo pós-Guerra Fria (NAPOLITANO, 2010, p.113).

No último momento, etapa de Problematização (FREIRE, 2005), fomentaremos um debate com os discentes, com o propósito de sintetizar as informações construídas coletivamente. Além disso, aspectos dos conteúdos serão relacionados a fatos contemporâneos, com o objetivo de eles aprenderem as continuidades e descontinuidades da História, além de problematizar a questão do negro da atualidade. No final, faremos uma proposta de atividade qualitativa, via Moodle, no valor de 10 pontos, que será disponibilizada aos educandos para que eles possam entender criticamente sua realidade (a proposta de atividade está anexada no final do arquivo).

Quadro 1 – Planejamento da atividade pedagógica

Atividade	Data	Descrição	CH Presencial	CH EaD
1º Semana Atividades ou Ação 1	Aula Presencial	Aula “Mercantilismo e Brasil Colônia”	1h	-
	Aula Presencial	Aula “A escravidão negra”	1h	-
2º Semana Atividades ou Ação 2	Aula Presencial	Aula “Debate coletivo”	1h	-
	Atividade Moodle	Atividades no ambiente virtual AVA Moodle	-	2h
Carga Horária Presencial			3h	
Carga Horária EaD				2h

Carga Horária Total	5h
---------------------	----

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Quadro 2 – Plano de aula

Data	05/10/2020					
Tema	“Escravidão Negra e Mercantilismo”					
Objetivos	Entender a escravidão negra. Relacionar a escravidão com o Mercantilismo. Problematizar a questão negra na atualidade. Entender a escravidão negra a partir de trechos do filme Amistad.					
Conteúdos	Brasil Colônia. Mercantilismo. Escravidão					
	Unidade Didática	Metodologia	Recursos Didáticos	Tipo de Atividade	Avaliação	Pontos
1	Brasil Colônia e Mercantilismo.	Aula expositiva dialogada	Quadro Branco. Data show.	Presencial	Qualitativa e continuada	-
2	Escravidão negra.	Aula expositiva dialogada	Quadro Branco. Data show.	Presencial	Qualitativa e continuada	-
3	Problematização do conteúdo	Debate mediado	Quadro Branco. Data show.	Presencial	Qualitativa e continuada	-
4	Tarefa	Atividade avaliativa via Moodle	AVA Moodle	EaD	Qualitativa e continuada	10
Referências						
<ul style="list-style-type: none"> • FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. • GOUVEA, Maria Cristina Soares; GERKEN, Carlos Henrique de Souza. Desenvolvimento Humano: História, Conceitos e Polêmicas. São Paulo: Cortez, 2010. • JOHANN MORITZ RUGENDAS. Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas. Acesso em: 20 mar. 2020. • MORETTIN, E. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, M. H.; MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; SALIBA, E.T. (org). História e cinema: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: USP, 2010. • MONROE, Camila. Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada> Acessado em: 25 nov. 2019. • NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2013. • PELEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. Contato História. 2º Anos. 1º Edição. São Paulo: Quinteto, 2016. 						

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia para o desenvolvimento do trabalho se dará a partir de momentos expositivos, debates, mediação do conhecimento, exibição e trechos de filmes, apresentação de imagens e elaboração de um questionário para sistematizar as informações construídas com os discentes.

Nosso objetivo não é coletar dados, mas sim fomentar uma proposta dialogada e diferenciada para potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Daí a importância da utilização do método de ensino proposta por Paulo Freire, pois acreditamos que a práxis educativa deve ser construída a partir de uma proposta dialogada, onde os saberes e fazeres dos alunos devem ser utilizados para a construção do saber. Acreditamos que o professor é mediador e educar é um ato político (FREIRE, 2005), e, neste contexto, a figura do docente é importante na organização sistemática dos aspectos históricos apresentados, facilitando assim a absorção e a interação do aluno sobre o tema abordado, daí a importância de uma estratégia de ensino diferenciada por meio do cinema.

SUJEITOS DA PESQUISA

A proposta de trabalho é direcionada aos alunos do Segundo Ano Médio do Técnico Integrado em Agricultura do Ifes Centro-Serrano, localizado em Santa Maria de Jetibá, região serrana do Espírito Santo. São alunos entre 16 e 18 anos, de ambos os sexos. Não será um trabalho de campo. Será feito em sala de aula e em casa. Ademais, será uma proposta de projeto de ensino feita pela disciplina de História.

INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Os dados serão produzidos a partir das discussões feitas em sala de aula, na mediação do professor e na sistematização do conhecimento a partir de um questionário, com o propósito de relacionar o conteúdo com aspectos do cotidiano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esses são os resultados esperados com a proposta:

- a) Entender a dinâmica da economia açucareira a partir da lógica mercantilista.
- b) Analisar a escravidão negra, desde o traslado da África até a América no Oceano Atlântico.
- c) Estimular que os alunos relacionem o conteúdo aprendido com aspectos do cotidiano.
- d) Entender criticamente a situação do negro na atualidade.
- e) Utilizar o método proposto por Paulo Freire para promover uma prática de ensino libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema é um meio muito eficiente para se complementar os conteúdos trabalhados em sala de aula. Como o filme é uma contra análise da sociedade, cabe ao professor utilizá-lo dentro de normas éticas. O planejamento é fundamental, e o educador deve fazer os apontamentos necessários para uma melhor compreensão por parte dos discentes. Ademais, é preciso utilizar o filme dentro de uma proposta pedagógica séria, com o objetivo de se construir um novo meio de análise da sociedade e do passado, tornando o trabalho docente atrativo para os alunos, tendo em vista uma metodologia de trabalho séria e diversificada. O método proposto por Paulo Freire é muito eficaz para a gênese de uma prática de ensino libertadora. Ademais, o trabalho do educador é de mediar o conhecimento, fazendo os alunos entenderem criticamente seu mundo e transformá-lo através da política.

REFERÊNCIAS

AMISTAD. **Adoro Cinema.** Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-16168>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2009.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; COSTA, Rodrigo Biagini. **Direitos humanos, cidadania e gênero: breves reflexões para a educação.** Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/article/view/52>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DAMIANI, Magda Floriana et alii. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica.** Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>. Acesso em: 28 nov. 2020.

FERRAÇÃO, Carlos Eduardo. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (org). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo.** São Paulo: Cortez, 2005

FERRO, Marc. O Filme: uma contra-análise de realidade? In: LE GOFF, J; NORA, P. (Org). **História: Novos Objetos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1974.

FERRO, Marc. **El cine, una visión de la Historia.** Madrid, Akal, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOUVEA, Maria Cristina Soares; GERKEN, Carlos Henrique de Souza. **Desenvolvimento Humano: História, Conceitos e Polêmicas.** São Paulo: Cortez, 2010.

JOHANN MORITZ RUGENDAS. **Wikipédia.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas. Acesso em: 20 mar. 2020.

MORETTIN, E. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In:

MONROE, Camila. **Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>> Acesso em: 25 nov. 2019.

MORETTIN, Eduardo. O exercício da História pelo cinema: percursos analíticos e propostas de trabalho. In: MORETTIN, Eduardo et al (Org). **Cinema e História: circularidades, arquivos e experiência estética.** Porto Alegre: Sulina, 2017.

MURILO, Marcelo. O uso do cinema e do vídeo na prática do ensino de História. In: SIMÕES, R. H. S.; FRANCO, S. P.; SALIM, M. A. A. (orgs). **Ensino de História, Seus Sujeitos e Suas Práticas**. 2ª Edição. Vitória: G&M Gráfica e Editora, 2009.

NANDOLPHO, Sandro. Luz, Câmera, História: o ensinar e aprender História pela Sétima Arte. In: SIMÕES, R. H. S.; FRANCO, S. P.; SALIM, M. A. A. (orgs). **Ensino de História, Seus Sujeitos e Suas Práticas**. 2ª Edição. Vitória: G&M Gráfica e Editora, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. A escrita filmica da História e a monumentalização do passado: uma análise comparada entre Amistad e Danton. In: CAPELATO, M. H.; MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; SALIBA, E.T. (org). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2ª Edição. São Paulo: Alameda, 2011.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

PELEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **Contato História**. 2º Anos. 1º Edição. São Paulo: Quinteto, 2016.

SACRISTÁN, J. Gimeno, GÓMEZ, A. L. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre, Artmed Editora, 2000.

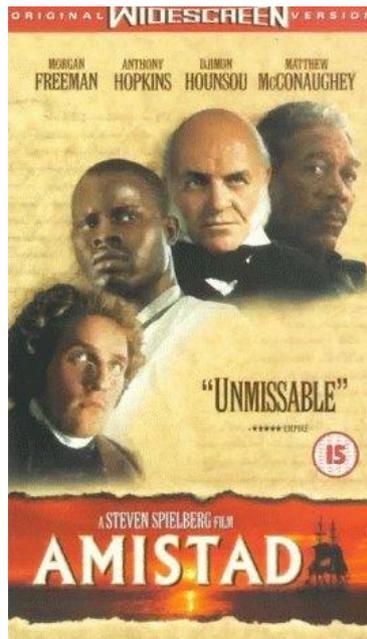
SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

ANEXOS



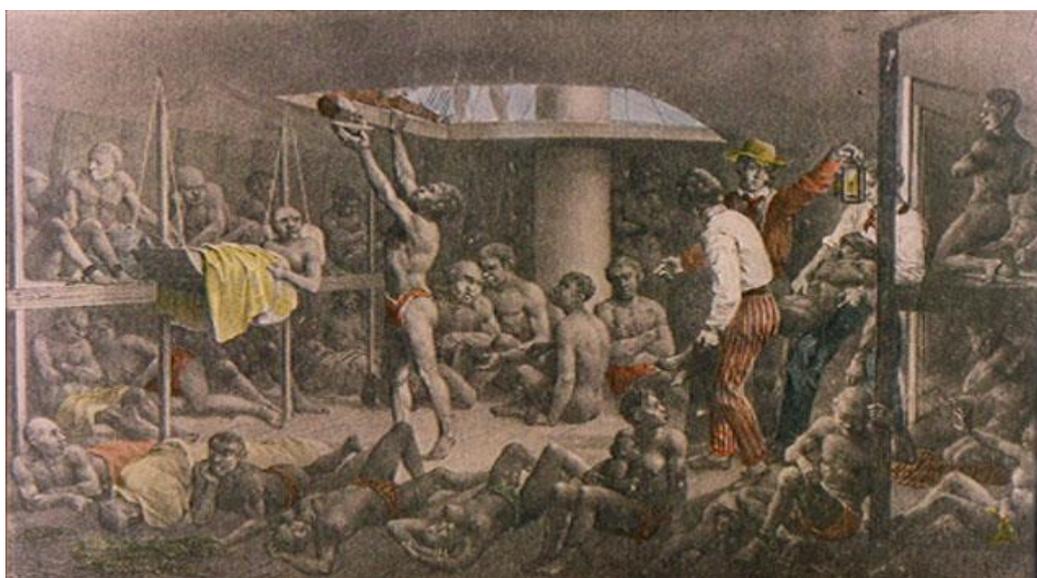
Nome: _____.	
Série/ Turma: 2º ____	Data: _____.
Professor: Diones A. Ribeiro.	Disciplina: História.
Valor: 10 pontos.	Nota: _____.

1 – Observe a imagem



Relacione os trechos do filme apresentados na sala de aula à escravidão no Brasil colônia.

2 – Observe a imagem:



Explique como a obra “Navio Negreiro” (1830), de Rugendas, pode se relacionar à prática mercantilista, tendo em vista os desdobramentos da escravidão no Brasil Colonial.

Agora, leia com atenção a letra da música do grupo “O Rapa” intitulada “Todo camburão tem um pouco de Navio Negreiro”:

*Tudo começou quando a gente conversava
Naquela esquina alí*

*De frente àquela praça
Veio os homens
E nos pararam
Documento por favor
Então a gente apresentou
Mas eles não paravam
Qual é negão? qual é negão?
O que que tá pegando?
Qual é negão? qual é negão?*

*É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento pro negão
Quem segurava com força a chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o primeiro
Negro pra passar na revista
Pra passar na revista*

*Todo camburão tem um pouco de navio negreiro
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*

*É mole de ver
Que para o negro
Mesmo a aids possui hierarquia
Na África a doença corre solta
E a imprensa mundial
Dispensa poucas linhas
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Ou das colunas sociais*

*Todo camburão tem um pouco de navio negreiro
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*

Explique como a imagem e a letra da música se relaciona à questão negra, explicando suas rupturas e continuidades.

3 – No espaço abaixo, faça um desenho ou caricatura para caracterizar a escravidão negra no Brasil Colônia.

4 – Observe com cuidado a charge apresentada abaixo:



Disponível em: <https://ponte.org/charge-negros-sao-as-maiores-vitimas-da-violencia/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

A partir do estudado:

- Faça uma análise crítica da imagem, à luz do conteúdo estudado em sala de aula sobre a escravidão.

